

04

Cercar ou não o Parque Farroupilha?
Uma análise envolvendo uso e segurança



O objetivo deste artigo é investigar a necessidade de cercar ou não um parque urbano, o Parque Farroupilha. Assim, são analisadas as relações entre os atuais usos, os níveis de segurança no seu interior, adjacências e proximidades e a ideia de cercar ou não o Parque. Para tal, são consideradas uma proposta de cercamento hipotético do Parque e as percepções e atividades realizadas pelos frequentadores, moradores de áreas próximas e comerciantes do entorno e do interior do Parque. A metodologia inclui a realização de levantamentos de arquivo, mapas comportamentais nos limites do Parque, identificação dos percursos realizados pelos três grupos, entrevistas e questionários aplicados a estes grupos. Os dados obtidos por meio dos questionários foram analisados através de testes estatísticos não paramétricos, tais como tabulações cruzadas (Phi) e Kruskal-Wallis. Os resultados revelam que uma quantidade significativa de atividades realizadas pelos usuários, baseadas no movimento continuado e/ou intermitente, seria impedida e/ou alterada pela existência de cerca nas bordas do Parque. Ainda, verifica-se que dentre os locais percebidos como mais inseguros estão aqueles que apresentam baixo movimento e baixa supervisão visual, que não seriam incrementados, mas sim reduzidos por um cercamento do Parque Farroupilha.

Fencing or not the farroupilha park? An analysis regarding use and security

The purpose of this paper is to investigate the need of fencing or not an urban park, the Farroupilha Park. Thus, relationships are analyzed between current uses, security levels within the Park, in adjacent and nearby streets, and the idea of fencing or not the park. To this end, a hypothetical proposal of fencing the Park and the perceptions and activities carried out by users, residents of nearby areas and surrounding and inside the Park merchants are considered. The methodology includes archive surveys, behavioral maps in the Park boundaries, identification of the paths made by the three groups, interviews and questionnaires applied to these groups. The data obtained through the questionnaires were analyzed using non-parametric statistical tests, such as cross-tabulations (Phi) and Kruskal-Wallis. The results show that a significant amount of activities performed by users, based on continuous and/or intermittent movement, would be prevented and/or modified by the existence of a fence on the Park edges. Still, among the places perceived as insecure are those who have low movement and low visual supervision, which would not be incremented but reduced by fencing the Farroupilha Park.



Autores

Dr. Arq. Antônio Tarcísio da Luz Reis

Mg. Arq. Amanda Schüller Bertoni

Designer Cláudia Adriana Nichetti Marques

Arq. Cássia Morais Mano

Faculdade de Arquitetura

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Palavras chaves

Parque não cercado

Parque cercado

Parque urbano

Usos em parques

Segurança em parques

Key words

Unfenced park

Fenced park

Urban park

Uses in parks

Safety in parks

Artículo recibido | Artigo recebido:

10 / 06 / 2016

Artículo aceptado | Artigo aceito:

29 / 11 / 2016

Email: tarcisio.reis@ufrgs.br

INTRODUÇÃO

Parques urbanos são fundamentais para a dinâmica das cidades, combinando diferentes tipos de atividades, organizadas ou informais, físicas ou recreativas, e manifestações culturais ou políticas (Stigger *et al.*, 2010; Gehl, 2013; Baran *et al.*, 2014). Adicionalmente, tais parques apresentam benefícios para seus usuários relacionados à qualidade de vida, tais como redução do estresse, saúde física e psicológica e sociabilidade, além de estimular a economia através da atração de pessoas para as atividades desenvolvidas em seu interior e entorno (Marcus; Francis, 1998; Manning, 1999; Sugiyama *et al.*, 2009; Baran *et al.*, 2014).

Estudos indicam que o sucesso de parques é dependente de fatores que facilitem sua acessibilidade e consequente uso, proporcionando conforto, autonomia e segurança aos seus usuários (Marcus; Francis, 1998). Assim, tais fatores incluem: ausência de barreiras físicas que interrompam o movimento de pedestres e reduzam a conexão do parque com seu entorno; diversidade de atividades disponíveis em turnos variados; promoção de diferentes opções de rotas com múltiplas entradas e saídas; aumento dos níveis de iluminação; e sinalização legível (Voordt; Wegen, 1993; Marcus; Francis, 1998). Adicionalmente, são indicados como fatores que contribuem para a qualificação dos parques urbanos a existência de visibilidade, de maneira a reduzir os espaços que possam servir como esconderijos para criminosos, e a equidade de uso por diferentes grupos sociais (Carmona *et al.*, 2003; Blöbaum; Hunecke, 2005; Jorgensen, 2012). Assim, tais fatores promovem a presença e apropriação do espaço pelas pessoas, que tendem a ser atraídas por locais com a presença de outras, o que por sua vez também auxilia na redução de ocorrências criminais através da vigilância natural exercida pelos usuários do espaço (Jacobs, 2000; Gehl, 2013). Todavia, com a intenção de reduzir a criminalidade e facilitar a gestão, governos de várias cidades têm decidido pelo cercamento de parques urbanos, embora tal barreira física tenda a gerar um efeito negativo sobre movimento de pedestres e a conexão do parque com seu entorno. Exemplifica tal situação o «Tompkins Square Park» em Nova Iorque, conhecido por muito tempo pelas pessoas da cidade como um sinônimo de problemas sociais, com diversas ocorrências criminais, presença de pessoas sem-teto e usuários de drogas. O parque foi

fechado em 1991 e passou por uma intervenção que incluiu o cercamento com gradil de 1,50m (que não impede a visibilidade dos transeuntes), acréscimo de atividades, e manutenção permanente da área. Esta intervenção gerou a volta do seu uso pela população, embora existam argumentos de que os problemas sociais do Parque foram apenas transferidos para outros locais (Smith, 1996). Outro exemplo de parque cercado é o Parque Ibirapuera em São Paulo, que estava entre os 38 parques cercados paulistas investigados por Whately *et al.* (2008). Este estudo revela que 84% dos usuários avalia o horário de fechamento do Ibirapuera (1 portão fecha às 17h; 3 fecham às 20h; 3 fecham às 22h; 4 fecham às 24h) e dos demais parques como adequado. Contudo, parte do sucesso do Parque Ibirapuera é atribuído à parceria público privada para a sua manutenção. Ainda, de acordo com Ling (2015), o Ibirapuera, utilizado como exemplo de parque cercado, seria foco de uma série de problemas de segurança gerados pelo pouco movimento de pessoas próximas a sua área cercada. Por outro lado, a tentativa de cercamento de um parque urbano em 2012 em Buenos Aires, o Parque Centenario, provocou protestos da população que levaram à demolição das construções preliminares do cercamento (Reed, 2012).

Contudo, foi aprovada pela Câmara Municipal de Porto Alegre uma lei que convoca um plebiscito sobre a ideia de cercamento do Parque Farroupilha (Câmara Municipal de Porto Alegre, 2015). Como informado em uma reportagem (Ely, 2015) no Jornal Zero Hora esta ideia de cercamento do Parque Farroupilha gerou debates em várias esferas públicas. As pessoas que defendem o cercamento argumentam que este geraria a redução de ocorrências criminais e depredações a monumentos recém restaurados, já que estes casos seriam frequentes no turno da noite, e que aumentaria a fiscalização de quem joga lixo no chão; ainda, recorrem a exemplos de parques cercados que seriam, em suas opiniões, bem sucedidos, como o Parque Ibirapuera em São Paulo e o Hyde Park em Londres. Pessoas contrárias ao cercamento argumentam que a proposta está sendo discutida antes mesmo que se invista em alternativas ao cercamento e que este: geraria um custo elevado, cerca de 3 milhões de reais; não seria efetivo no combate ao crime; e que causaria a restrição de aces-



FIGURA 3 | Parque Farroupilha e ruas próximas. Nota: em pontilhado vermelho o eixo principal do Parque; em amarelo os setores de ruas adjacentes ao Parque; em azul os setores de ruas oblíquas ou perpendiculares, até uma distância de três quadras do Parque. Fonte: Autores.

so ao parque em horários determinados. Em contrapartida, sugerem como medidas efetivas o aumento da iluminação, do policiamento e de câmeras de vigilância (Ely, 2015). Neste sentido, estudos realizados sobre a percepção dos usuários quanto ao cercamento de parques urbanos em Porto Alegre, indicam uma avaliação negativa da ideia de cercamento do Parque Farroupilha (popularmente conhecido como Parque da Redenção; Fig. 1), considerando a segurança dos usuários, acessibilidade e realização de atividades comerciais em seu interior (Bochi *et al.*, 2012; Gregolettto *et al.*, 2013). Contudo, existe a necessidade de novas evidências que sustentem ou não a ideia de cercamento do Parque. Neste sentido, é importante investigar o impacto que um cercamento do Parque Farroupilha teria sobre os atuais usos e a segurança das pessoas, através de grupos que guardam distintas relações com o Parque, tais como frequentadores, moradores da área e comerciantes. Portanto, o objetivo deste artigo é investigar a necessidade de cercar ou não um parque urbano, o Parque Farroupilha. Assim, são analisadas as relações entre os atuais usos, os níveis de segurança no seu interior, adjacências e proximidades e a ideia de cercar ou não o



FIGURA 1 | Vista área do Parque Farroupilha. Fonte: Amaral, 2005.



FIGURA 2 | Brique da Redenção. Fonte: Google Imagens.

Parque. Para tal, são consideradas uma proposta de cercamento hipotético do Parque e as percepções e atividades realizadas pelos frequentadores, moradores de áreas próximas e comerciantes do entorno e do interior do Parque Farroupilha.

METODOLOGIA

Conforme os objetivos deste trabalho, o estudo foi realizado no Parque Farroupilha (Fig. 1), um parque público com área de 37,51 hectares, localizado no Bairro Farroupilha em Porto Alegre. O Parque é frequentado por uma população significativa de usuários, cerca de cinco mil pessoas diariamente, e cerca de trezentas mil pessoas nos finais de semana, quando ocorrem dois eventos tradicionais da cidade na Av. José Bonifácio (Fig. 2), adjacente ao Parque: a Feira Ecológica e o Brique da Redenção (Bochi *et al.*, 2012). O entorno imediato do Parque Farroupilha é caracterizado pela diversidade de atividades comerciais, serviços e de ensino, tais como o Colégio Militar na Av. José Bonifácio, o Instituto de Educação na Av. Setembrina e o Campus da UFRGS na Av. Eng. Luiz Englert (Fig. 3).

No Parque Farroupilha ocorrem atividades de cunho cultural, lazer, esportivo e comercial tais como: lazer infantil em área com brinquedos (Fig. 3 e 4a); lazer infanto-juvenil no Parquinho da Redenção (Fig. 3 e 4b), com um portão de acesso pela Av. Osvaldo Aranha e outro pela Av. José Bonifácio, abertos das 14h às 18h e sem controle de acesso; lazer no lago (Fig. 3 e 4c), incluindo passeios em pedalinhos; lazer em jardins temáticos (por exemplo, recanto oriental; Fig. 3 e 4d) e em um orquidário (Fig. 3); atividade comercial/lazer em um café (atualmente desativado) (Fig. 3 e 4e); e atividades esportivas tais como passeios de bicicletas, caminhadas e corridas em diversos caminhos rodeados por vegetação.

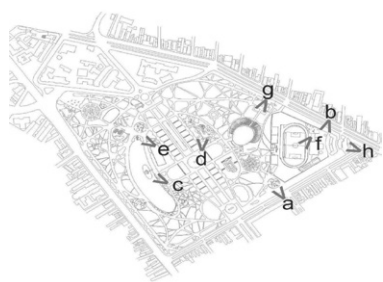
Atividades esportivas também são realizadas no Parque Ramiro Souto (Fig. 3 e 4f), constituído por pista de corrida e quadra poliesportiva, cercado e com dois portões de acesso abertos 24 horas e sem controle de acesso. Ainda, atividades culturais são realizadas no Auditório Araújo Viana (Fig. 3 e 4g), cercado e que possui um único portão de acesso, controlado por guardas e aberto somente nos horários de espetáculos. Atividades comerciais e de informação são realizadas na central de informações turísticas, em quatro lojas de artigos variados, uma cafeteria, uma sorveteria, dois restaurantes, uma delicatessen, dois bares e em três floriculturas no Mercado do Bom Fim (Fig. 3 e 4h), localizado nas esquinas das Avenidas Osvaldo Aranha e José Bonifácio, e aberto das 9h às 19h. Ainda, existe a presença de vendedores ambulantes que ficam circulando e daqueles em quiosques e carrinhos localizados em pontos de venda predeterminados pela SMIC (Secretaria Municipal de Indústria e Comércio) no interior do Parque.

Dados sobre a ocorrência de furtos de veículo, furtos em veículo, roubos de veículo e roubos a pedestre no período de 2006 a 2010, previamente coletados na Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado do Rio Grande do Sul para utilização em outra pesquisa (Reis et al., 2015) foram considerados para analisar as ocorrências criminais no entorno do Parque Farroupilha, que ficou caracterizado pelos setores de ruas adjacentes (em amarelo na Fig. 3) e pelos setores de ruas oblíquas ou perpendiculares ao Parque (em azul na Fig. 3) até uma distância de três quadras deste. O trabalho de campo consistiu na aplicação de entrevistas, questio-

nários, identificação de percursos e a realização de um mapa comportamental das atividades realizadas nas bordas do Parque, devido ao fato desta área ser particularmente afetada pela colocação de uma cerca. Entrevistas foram realizadas, em outubro de 2014, com 30 vendedores ambulantes no Parque Farroupilha sobre os impactos de um cercamento hipotético do Parque nas suas atividades comerciais. Questionários foram aplicados presencialmente e via internet, entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015, a 126 respondentes (Tabela 1), divididos em três grupos: frequentadores do Parque Farroupilha (42,9%–54 de 126) que praticam atividades de lazer, esporte ou que utilizam o Parque como passagem, e que vivem em diversos bairros ou em outras cidades, com apenas 14 vivendo em bairros do entorno; moradores dos bairros do entorno do Parque (17,5%–22 de 126) – Santana, Farroupilha, Bom Fim e Cidade Baixa, com apenas um destes não sendo usuário do Parque; e comerciantes (39,7%–50 de 126), nomeadamente, os lojistas das edificações do entorno (60%–30 de 50 – destes, quatro não são usuários do Parque), vendedores ambulantes (22%–11 de 50) no Parque Farroupilha, e expositores da Feira Ecológica/Brique da Redenção (18%–9 de 50) (Tabela 1).

Percursos realizados pelos três grupos (59 por frequentadores, 13 por moradores, e 30 por comerciantes, totalizando 102) em um sábado pela manhã das 10h00 às 11h30min (dia e horário com um dos usos mais intensos no Parque) foram identificados e registrados em mapa impresso, sendo, posteriormente, digitalizados no programa AutoCAD (Fig. 7). O número de frequentadores que realizou o percurso (59) é maior do que o número (54) que respondeu o questionário porque 5 frequentadores somente marcaram no mapa os seus percursos. Ainda, das 10h30 às 11h30min de um sábado, foram realizados mapas comportamentais nas bordas do Parque Farroupilha com o registro das atividades realizadas (Fig. 6).

Devido ao fato da Lei Municipal 11.845/15 (Câmara Municipal de Porto Alegre, 2015) convocar um plebiscito sobre a ideia de cercamento do Parque Farroupilha mas não apresentar uma proposta para tal, foi proposto um cercamento hipotético para verificar o impacto sobre as atividades realizadas no Parque, baseado nos



4C | Lago. Fonte Google Imagens.



4A | Brinquedos infantis. Fonte Google Imagens.



4B | Parquinho da Redenção. Fonte Google Imagens.



4D | Brinquedos infantis. Fonte: Autores.



4E | Parquinho da Redenção. Fonte: Autores.



4F | Parque Ramiro Souto. Fonte Google Imagens.



4G | Auditório Araújo Viana. Fonte Google Imagens.



4H | Parquinho da Redenção. Fonte: Autores.

FIGURA 4 | Atividades no Parque Farroupilha.

TABELA 1 | Amostras dos respondentes dos questionários.

GRUPO	CARACTERÍSTICAS DO GRUPO	ACESSO AO QUESTIONÁRIO	TOTAL DAS AMOSTRAS
FREQUENTADORES	Praticam atividades no Parque ou o utilizam como passagem	15 questionários aplicados presencialmente e distribuição de panfletos no Parque Farroupilha com o endereço virtual do questionário e compartilhamento do endereço virtual em carta via rede social e e-mail para outros frequentadores.	126 (100%)
MORADORES	Residentes dos bairros do entorno: Santana, Farroupilha, Cidade Baixa e Bom Fim	Distribuição de panfletos com endereço virtual nas caixas de correio dos edifícios residenciais que fazem frente ao Parque Farroupilha e distribuição no Parque de panfletos com o endereço virtual do questionário para moradores destes bairros.	54 (42,9%)
COMERCIANTES	Lojistas que exercem atividades em edificações do entorno; vendedores ambulantes no Parque Farroupilha; e expositores da Feira Ecológica/Brique da Redenção.	Questionários aplicados presencialmente, cujas respostas foram transcritas posteriormente para questionário online no programa Lime Survey.	22 (17,5%)
			50 (39,7%)

seguintes critérios:

1. localização nas bordas do Parque, externamente aos canteiros existentes e junto ao alinhamento da calçada;
2. um número mínimo de portões que permitissem o acesso dos usuários, mas que também facilitassem o controle;
3. posicionamento dos portões em locais que interferissem o mínimo possível no desenho paisagístico existente do Parque; e
4. distribuição dos portões de maneira equilibrada pelas bordas do Parque, correspondendo à posição das ruas que desembocam nas ruas adjacentes.

Assim, esta proposta foi concebida com sete portões de entrada, sendo: dois na Av. João Pessoa, dois na Av. Osvaldo Aranha, dois na Av. José Bonifácio e um portão no encontro das Avenidas Eng. Luiz Englert e Setembrina (Figura 5). Esta quantidade de portões (7 portões em, aproximadamente, 2600m de perímetro – 1 portão a cada 371,43m) é equivalente à do Hyde Park (20 portões em, aproximadamente, 7250m de cercamento – 1 portão a cada 362,5m) e superior à do Parque Ibirapuera (10 portões em 4897 m de cercamento – 1 portão a cada 489,7 m), parques estes considerados bem sucedidos por alguns que defendem o cercamento do Farroupilha.

Tanto as informações inseridas nos questionários através do programa LimeSurvey pelos próprios respondentes, quanto aquelas dos questionários aplicados presencialmente e posteriormente inseridas neste programa pelos pesquisadores, foram transferidas para o programa estatístico SPSS/PC (Statistical Package for Social Sciences) e analisadas através de testes estatísticos não-paramétricos, tais como tabulações cruzadas (Phi) entre variáveis nominais e Kruskal-Wallis entre variáveis nominais e ordinais.

RESULTADOS

Relação entre os atuais usos e a ideia de cercar ou não o Parque Farroupilha

Das atividades realizadas pelo total de respondentes (121), destacam-se aquelas que caracterizadas pelo movimento continuado e/ou intermitente tanto nas bordas do Parque (ir ao Brique da Redenção – 53,7%–65; ir à Feira Ecológica – 38,8%–47) quanto das bordas

para o seu interior e vice-versa (caminhada/corrida – 66,1%–80; passagem pelo Parque – 34,7%–42; andar de bicicleta – 21,5%–26) (Tabela 2). A intensidade destas atividades fica evidenciada também pelo mapa comportamental realizado em um sábado pela manhã nas bordas do Parque (Fig. 6), com o Brique da Redenção e a Feira Ecológica atuando como fortes atratores da presença e movimento de pessoas na Av. José Bonifácio.

Assim, embora não estejam descartadas outras atividades que também poderiam ser afetadas pelo cercamento do Parque Farroupilha (tais como: encontrar pessoas – 52,9%–64; tomar chimarrão – 41,3%–50; observar a paisagem e/ou movimento de pessoas – 33,1%–40; levar crianças para passear – 23,1%–28), verifica-se que uma quantidade expressiva de atividades baseadas no movimento continuado e/ou intermitente seria impedida e/ou alterada pela existência de cerca nas bordas do Parque Farroupilha junto às calçadas. Estas análises servem também para as atividades realizadas por cada um dos três grupos, embora tendam a ser realizadas por um maior percentual de frequentadores, com exceção, por exemplo, da atividade comercial realizada somente pelo grupo dos comerciantes (41,3%–19 de 46), especificamente, pelos vendedores ambulantes e expositores da Feira Ecológica e do Brique da Redenção.

O mapa comportamental (Fig. 6) também revela que o movimento de usuários é menor nas bordas do parque junto à esquina da Av. Osvaldo Aranha com a Av. Setembrina e proximidades, intensificando-se a partir da frente do Auditório Araújo Viana até a esquina com a Av. José Bonifácio, principalmente junto ao Mercado do Bom Fim e ao Parquinho da Redenção. Logo, estes locais contribuem para gerar movimento de pessoas junto às bordas do parque, principalmente de pessoas caminhando/correndo ou andando de bicicleta, que seriam afetadas por um cercamento. O limite do Parque junto à Av. João Pessoa apresenta movimento moderado, sendo também caracterizado por pessoas realizando atividades físicas tais como corrida, caminhada e andando de bicicleta. Verificou-se que nas bordas junto a esta via existem poucos pontos de permanência, havendo uma preferência dos usuários por apenas utilizar o espaço como passagem e circuito de caminhada/corrida. As bordas do parque junto às Avenidas Luiz

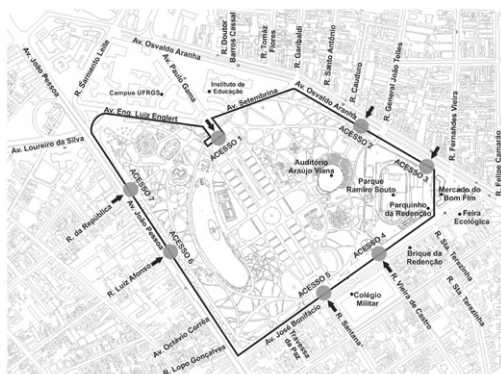


FIGURA 5 | Cercamento hipotético proposto. Nota: a linha preta no entorno do Parque representa o cercamento hipotético proposto, e os círculos azuis representam os portões de entrada/saída propostos pelos autores. Fonte: Autores.

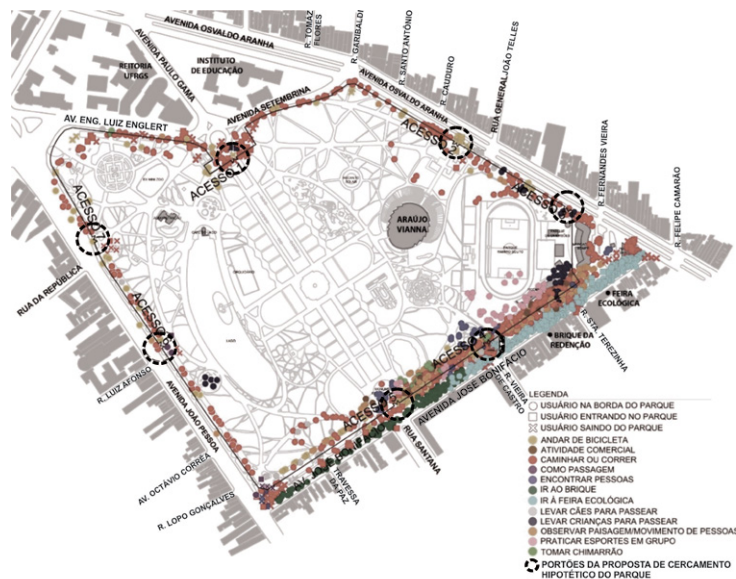


FIGURA 6 | Mapa comportamental das atividades nas bordas do Parque Farroupilha. Nota: o mapa foi realizado nas bordas do Parque, das 10h30 às 11h30min de um sábado. Fonte: Autores.

TABELA 2 | Atividades realizadas no Parque por usuários de cada um dos três grupos.

Atividades realizadas por usuários de cada um dos três grupos	Frequetadores 54 (100%)	Moradores 21 (100%)	Comerciantes 46 (100%)	Total da Amostra 121 (100%)
Caminhada/corrida	39 (72,2%)	14 (66,7%)	27 (58,7%)	80 (66,1%)
Ir ao Brique da Redenção	39 (72,2%)	12 (57,1%)	14 (30,4%)	65 (53,7%)
Encontrar pessoas	37 (68,5%)	14 (66,7%)	13 (28,3%)	64 (52,9%)
Tomar chimarrão	30 (55,6%)	5 (23,8%)	15 (32,6%)	50 (41,3%)
Ir à Feira Ecológica	35 (64,8%)	8 (38,1%)	4 (8,7%)	47 (38,8%)
Passagem pelo Parque	29 (53,7%)	4 (19%)	9 (19,6%)	42 (34,7%)
Observar a paisagem e/ou movimento de pessoas	22 (40,7%)	8 (38,1%)	10 (21,7%)	40 (33,1%)
Levar crianças para passear	13 (24,1%)	3 (14,3%)	12 (26,1%)	28 (23,1%)
Andar de bicicleta	14 (25,9%)	6 (28,6%)	6 (13%)	26 (21,5%)
Atividade comercial	0 (0,0%)	0 (0,0%)	19 (41,3%)	19 (15,7%)
Levar cães para passear	7 (13%)	3 (14,3%)	1 (2,2%)	11 (9,1%)
Praticar esportes em grupo	4 (7,4%)	2 (9,5%)	3 (6,5%)	9 (7,4%)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais das amostras individuais em relação ao total de cada grupo e ao total dos 121 respondentes dos três grupos; a amostra total de moradores é de 22, mas um (1) não é usuário do Parque; a amostra total de comerciantes é de 50, mas 4 lojistas não são usuários do Parque.

TABELA 3 | Atividades afetadas negativamente pelo cercamento proposto.

Das atividades que você realiza no parque qual(is) seria(m) afetada(s) negativamente pelo cercamento proposto:	Frequetadores 54 (100%)	Moradores 21 (100%)	Comerciantes 46 (100%)	Total da Amostra 121 (100%)
Como passagem	25 (46,3%)	5 (23,8%)	12 (26,1%)	42 (34,7%)
Caminhada/corrida	15 (27,8%)	6 (28,6%)	15 (32,6%)	36 (29,8%)
Nenhuma atividade seria afetada negativamente	8 (14,8%)	6 (28,6%)	15 (32,6%)	29 (24%)
Atividade comercial	0 (0,0%)	0 (0,0%)	19 (41,3%)	19 (15,7%)
Ir ao Brique da Redenção	10 (18,5%)	1 (4,8%)	4 (8,7%)	15 (12,4%)

Nota: os valores entre parênteses referem-se aos percentuais das amostras individuais e em relação ao total de 121 participantes dos três grupos; a amostra total de moradores é de 22, mas um (1) não é usuário do Parque; a amostra total de comerciantes é de 50, mas 4 lojistas não são usuários do Parque.

Englert e Setembrina apresentam o menor movimento, quando comparadas com as demais, repetindo-se o domínio de usuários correndo, caminhando (em ritmo mais acelerado, talvez pela menor presença de outras pessoas) e andando de bicicleta. Contudo, verificou-se um número expressivo de usuários acessando o Parque pelo eixo central, o que pode ser explicado pelo estacionamento próximo à rótula (Fig. 6). Logo, as observações realizadas e registradas no mapa comportamental também evidenciam que, praticamente, as principais atividades realizadas em todas as bordas do Parque seriam afetadas negativamente pela existência de uma cerca.

A partir da análise dos dados obtidos através dos 121 questionários respondidos por usuários do Parque, verifica-se que a atividade mais afetada negativamente pelo cercamento hipotético proposto seria o uso do Parque como passagem (34,7%–42), seguida da realização de caminhadas/corridas (29,8%–36) (Tabela 3). A utilização do Parque como passagem seria particularmente afetada para os frequentadores (46,3%–25 de 54) enquanto a atividade comercial seria negativamente afetada para 41,3% (19 de 46) dos comerciantes.

Ainda, verifica-se que predomina claramente a opinião de que nenhuma atividade seria afetada positivamente pelo cercamento hipotético proposto (37,2%–45 de 121), sobretudo para os frequentadores (40,7%–22 de 54) e comerciantes (39,1%–18 de 46) (Tabela 4).

Adicionalmente, a maioria (60%–18 de 30) dos vendedores ambulantes entrevistados mencionou que o cercamento proposto afetaria negativamente sua atividade comercial no Parque Farroupilha. Como justificativa foi mencionado que haveria uma diminuição no movimento de pedestres, ocasionando uma queda nas vendas dos produtos, as quais estão ligadas à circulação das pessoas pelo Parque. Apenas uma pequena parcela (23,3%–7 de 30) entende que o cercamento proposto afetaria positivamente suas atividades comerciais, em razão de um maior controle de vendedores ambulantes irregulares dentro do Parque.

Conforme o mapa com os percursos realizados pelos usuários (Fig. 7), observa-se a existência, pelo menos, da seguinte quantidade de pontos de acesso ao Parque, considerando uma distância mínima entre tais pontos de 25 metros (pois acessos com distâncias menores uns dos outros poderiam ser aglutinados em um único acesso, já que não provocariam maiores deslocamen-

tos para os usuários): 1 acesso na esquina das Avenidas João Pessoa e Eng. Luiz Englert; 3 acessos na Av. Eng. Luiz Englert; 1 acesso no encontro das Avenidas Eng. Luiz Englert e Setembrina; 1 acesso na esquina das Avenidas Setembrina e Osvaldo Aranha; 5 acessos na Avenida Osvaldo Aranha; 8 acessos na Avenida José Bonifácio; 1 acesso na esquina das Avenidas José Bonifácio e João Pessoa; e 4 acessos na Av. João Pessoa. Logo, esta quantidade de pontos de entrada e saída do Parque (que é menor do que a existente), revela claramente que um cercamento reduziria em muito tais pontos (principalmente nas Avenidas José Bonifácio, Osvaldo Aranha e João Pessoa), alterando ou impedindo a realização de muitos destes percursos. Particularmente, seriam afetados os pontos de acesso distribuídos ao longo da Av. José Bonifácio.

Relação entre os níveis de segurança no interior, adjacências e proximidades do Parque Farroupilha e a ideia de cercá-lo ou não

Um percentual expressivo (39,6%–50) do total dos respondentes (126) percebe o Parque Farroupilha como inseguro ou muito inseguro, e apenas a metade deste percentual (19,8%–25) o percebe como seguro. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as percepções de segurança dos três grupos (K-W), embora a insegurança seja mais percebida entre os frequentadores (42,6%–23 de 54) e comerciantes (42%–21 de 50) do que entre os moradores (27,3%–6 de 22) (Tabela 5). A percepção de insegurança por todos os grupos reflete-se no uso frequente do eixo central, percebido como mais seguro conforme comentários de respondentes contatados pessoalmente. Contudo, estes percentuais são inferiores ao percentual de pessoas que consideram o centro de Porto Alegre inseguro ou muito inseguro (79%–49 de 62), conforme identificado em outro estudo (John *et al.*, 2010). Ainda, verifica-se que a percepção de insegurança no Parque está próxima aquela percebida pelos respondentes em relação aos seus bairros de moradia no entorno, no caso dos Bairros Cidade Baixa (40%–4 de 10) e Santana (33%–1 de 3). Em relação a outros dois bairros do entorno do Parque, a percepção de insegurança diminui (Bom Fim - 18,2%–4 de 22; Farroupilha - 0%–0 de 1), embora o percentual daqueles que percebem o Bom Fim como seguro (36,4%–8 de

TABELA 4 | Atividades afetadas positivamente pelo cercamento proposto.

Das atividades que você realiza no parque qual(is) seria(m) afetada(s) positivamente pelo cercamento proposto	Frequentedores 54 (100%)	Moradores 21 (100%)	Comerciantes 46 (100%)	Total da Amostra 121 (100%)
Nenhuma atividade seria afetada positivamente	22 (40,7%)	5 (23,8%)	18 (39,1%)	45 (37,2%)
Caminhada/corrida	7 (13%)	3 (14,3%)	5 (10,9%)	15 (12,4%)
Encontrar pessoas	3 (5,6%)	4 (19%)	2 (4,3%)	9 (7,4%)
Levar crianças para passear	2 (3,7%)	2 (9,5%)	4 (8,7%)	8 (6,6%)
Atividade comercial	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (15,2%)	7 (5,8%)

Nota: os valores entre parênteses referem-se aos percentuais das amostras individuais e em relação ao total de 121 participantes dos três grupos; a amostra total de moradores é de 22, mas um (1) não é usuário do Parque; a amostra total de comerciantes é de 50, mas 4 lojistas não são usuários do Parque.

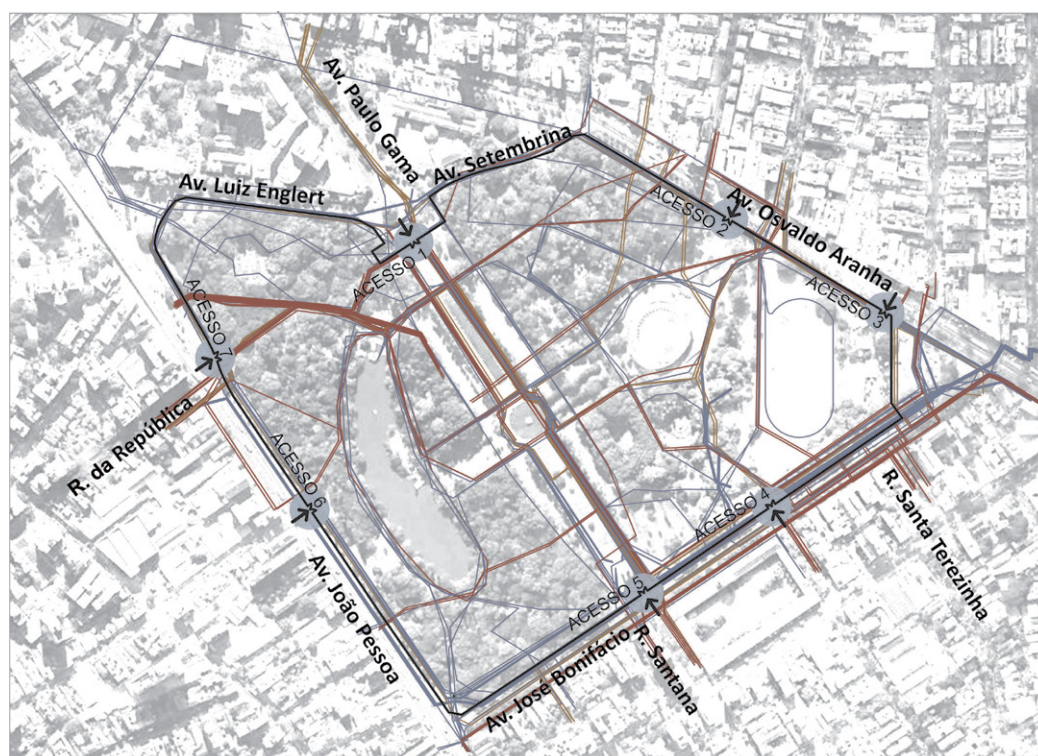


FIGURA 7 | Percursos realizados pelos usuários do Parque Farroupilha e os sete acessos do cercamento hipotético. Nota: linhas azuis = percursos dos frequentadores; linhas amarelas = percursos dos moradores; linhas vermelhas = percursos dos comerciantes. Fonte: Autores.

TABELA 5 | Percepção de segurança no Parque Farroupilha.

Você considera o Parque Farroupilha:	Frequentedores	Moradores	Comerciantes	Total da Amostra
Muito inseguro	6 (11,1%)	0 (0,0%)	4 (8%)	10 (7,9%)
Inseguro	17 (31,5%)	6 (27,3%)	17 (34%)	40 (31,7%)
Nem seguro, nem inseguro	21 (38,9%)	15 (68,2%)	15 (30%)	51 (40,5%)
Seguro	10 (18,5%)	1 (4,5%)	14 (28%)	25 (19,8%)
Muito seguro	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
mvo (K-W)	60,88	65,32	65,53	-
Total	54 (100%)	22 (100%)	50 (100%)	126 (100%)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais das amostras individuais em relação ao total de cada grupo e ao total dos 126 respondentes; mvo K-W=média dos valores ordinais obtidos através do teste Kruskal-Wallis (K-W), sendo que quanto menor este valor, maior o nível de insatisfação com a segurança do Parque.

22) é muito pequena. Portanto, estes resultados evidenciam que a percepção de insegurança não se restringe e tampouco é necessariamente maior no Parque Farroupilha em comparação a outras áreas urbanas nas proximidades.

As cinco principais razões para a avaliação negativa da segurança, obtidas através dos questionários foram: o policiamento insuficiente (77%–97 de 126); pouca iluminação (69,8%–88 de 126); presença de tráfico e usuários de drogas (54,8%–69 de 126); número insuficiente de câmeras de segurança (42,1%–53 de 126); e a existência de prostituição (29,4%–37 de 126) (Tabela 6).

Além disso, verifica-se que a percepção de insegurança (33,3%–42 de 126) e de segurança (25,4%–32 de 126) no Parque na hipótese deste estar cercado (Tabela 7), respectivamente, diminuíram e aumentaram apenas um pouco em relação às percepções de insegurança e seguranças atuais (Tabela 5), continuando a ser preponderante a percepção de insegurança sobre a de segurança no Parque. Embora para o grupo dos moradores prepondera a percepção do Parque cercado como seguro ou muito seguro (36,3%–8 de 22) sobre a percepção de inseguro ou muito inseguro (27,2%–6 de 22), este percentual ainda é expressivo (quase 1/3 da amostra). Ainda, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos quanto à percepção de segurança no Parque Farroupilha em caso de um possível cercamento (K-W) (Tabela 7). Logo, a hipótese de um Parque Farroupilha cercado não gerou maiores alterações nas percepções de insegurança no Parque por parte dos três grupos.

Ainda, observa-se que a quantidade de usuários que já foi vítima de algum tipo de crime no Parque Farroupilha (4,8%–6 de 126) (Tabela 8) é bem inferior, por exemplo, ao percentual de moradores que já foi vítima de crimes nos bairros residenciais Menino Deus (37,4%–46 de 123) e Rio Branco (47,7%–41 de 86). Logo, embora os problemas de segurança no Parque Farroupilha não possam ser desprezados, estes são inferiores aos problemas de segurança em outras áreas de Porto Alegre próximas ao Parque, tais como o centro e o Bairro Rio Branco.

Contudo, verifica-se que dos 6 crimes informados pelos respondentes, apenas um (roubo a pedestre próximo à sinaleira da Rua da República) ocorreu durante a

noite, período em que o Parque estaria fechado a partir de determinado horário no caso de um cercamento (Tabela 9). Logo, um fechamento do Parque à noite não teria um maior impacto na redução das ocorrências criminais. Ainda, outro destes crimes (roubo a pedestre próximo ao Mercado do Bonfim) ocorreu em área externa ao cercamento hipotético proposto (Fig. 5), o que indica que um possível cercamento não teria tido efeito sobre tal ocorrência.

Adicionalmente, verifica-se que dentre os locais percebidos como mais inseguros estão locais que apresentam características que não seriam alteradas por um cercamento, tais como: fundos do Araújo Viana (38,1%–48 de 126) - local com a presença de tráfico de drogas e baixo movimento de pedestres, conforme os próprios respondentes; ex-Mini Zoológico (32,5%–41 de 126) e local próximo ao viaduto da Av. João Pessoa (31,7%–40 de 126) – são locais próximos à Av. Eng. Luiz Englert, que apresenta um baixo movimento de pessoas e, consequentemente, baixa supervisão visual; banheiros (23%–29 de 126) – com exceção do fato que não poderiam ser utilizados quando o Parque estivesse fechado, não parece que um cercamento teria maiores impactos positivos sobre a segurança neste local; local próximo ao Instituto de Educação (16,7%–21 de 126) - próximo à Av. Setembrina, que também apresenta um baixo movimento de pessoas e, consequentemente, baixa supervisão visual. Outros locais que estão entre os mais inseguros [Estatua de Buda (18,3%–23 de 126), Lago (15,9%–20 de 126) e Orquidário (15,1%–19 de 126)] parece que não teriam a segurança melhorada pela existência de um cercamento e consequente fechamento do Parque à noite, já que são locais de uso mais contemplativo e diurno (Tabela 10; Fig.8).

Contudo, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Tabulação cruzada, Phi) entre as indicações dos seguintes locais pelos três grupos: ex-mini zoológico (Phi=0,242, sig.=0,025); próximo ao viaduto da Av. João Pessoa (31,7%–40 de 126) (Phi=0,281, sig.=0,007); banheiros (23%–29 de 126) (Phi=0,230, sig.=0,036); próximo ao Instituto de Educação (Phi=0,314, sig.=0,002); e orquidário (Phi=0,218, sig.=0,050). As diferenças estão, fundamentalmente, entre as indicações destes locais como inseguros por um menor número de comerciantes do que por frequentadores e moradores.

TABELA 6 | Razões para a avaliação da segurança no Parque Farroupilha.

Razões da avaliação da segurança	Avaliação da segurança					Total
	Muito inseguro	Inseguro	Nem seg, nem inseg	Seguro	Muito seguro	
Policimento insuficiente	10 (7,9%)	38 (30,2%)	41 (32,5%)	8 (6,3%)	0 (0,0%)	97 (77%)
Pouca iluminação	8 (6,3%)	31 (24,6%)	40 (31,7%)	9 (7,1%)	0 (0,0%)	88 (69,8%)
Presença de tráfico e usuários de drogas	8 (6,3%)	29 (23%)	28 (22,2%)	4 (3,2%)	0 (0,0%)	69 (54,8%)
Nº insuficiente de câmeras	5 (4%)	25 (19,8%)	20 (15,9%)	3 (2,4%)	0 (0,0%)	53 (42,1%)
Existência de prostituição	4 (3,2%)	17 (13,5%)	13 (10,3%)	3 (2,4%)	0 (0,0%)	37 (29,4%)

TABELA 7 | Percepção de segurança no Parque Farroupilha em caso de cercamento.

Em caso de um possível cercamento o Parque Farroupilha ficaria:	Frequentadores	Moradores	Comerciantes	Total da Amostra
Muito inseguro	11 (20,4%)	1 (4,5%)	6 (12%)	18 (14,3%)
Inseguro	10 (18,5%)	5 (22,7%)	9 (18%)	24 (19%)
Nem seguro, nem inseguro	23 (42,6%)	8 (36,4%)	21 (42%)	52 (41,3%)
Seguro	8 (14,8%)	7 (31,8%)	11 (22%)	26 (20,6%)
Muito seguro	2 (3,7%)	1 (4,5%)	3 (6%)	6 (4,8%)
mvo (K-W)	60,88	65,32	65,53	-
Total	54 (100%)	22 (100%)	50 (100%)	126 (100%)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais das amostras individuais de cada grupo e em relação ao total de 126 respondentes dos três grupos; mvo K-W=média dos valores ordinais obtidos através do teste Kruskal-Wallis (K-W), sendo que quanto menor este valor, maior o nível de insatisfação com a segurança do Parque.

TABELA 8 | Ocorrências criminais no Parque Farroupilha conforme os respondentes.

Você já foi vítima de algum tipo de crime no Parque Farroupilha?	Frequentadores	Moradores	Comerciantes	Total da Amostra
Sim	4 (7,4%)	1 (4,54%)	1 (2%)	6 (4,8%)
Não	50 (92,6%)	21 (95,46%)	49 (98%)	120 (95,2%)
Total	54 (100%)	22 (100%)	50 (100%)	126 (100%)

TABELA 9 | Ocorrências criminais no Parque Farroupilha conforme os respondentes.

Grupo	Quantidade e tipo de crime	Turno	Local aproximado	Total
Frequentadores	1 - Roubo a pedestre (com ameaça à vítima)	manhã	'2. Ex-Mini Zoológico'	4 (66,7%)
	1 - Roubo a pedestre (com ameaça à vítima)	tarde	'17. Canteiro do Eixo Central'	
	1 - Furto em veículo (sem a presença da vítima)	tarde	'13. Fundos do Araújo Viana'	
	1 - Roubo a pedestre (com ameaça à vítima)	manhã	Entre os locais '5. Próx. ao Instituto de Educação Flores da Cunha' e '14. Frente do Araújo Viana'	
Moradores	1 - Roubo a pedestre (com ameaça à vítima)	noite	'3. Sinaleira da R. da República'	1 (16,65%)
Comerciantes	1 - Roubo a pedestre (com ameaça à vítima)	manhã	'22. Mercado do Bonfim'	1 (16,65%)
TOTAL CRIMES				6 (100%)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais das amostras individuais em relação ao total de 6 respondentes. Turnos: manhã (6h01-12h00), tarde (12h01 – 18h00), noite (18h01 – 00h00) e madrugada (00h01 – 6h00).

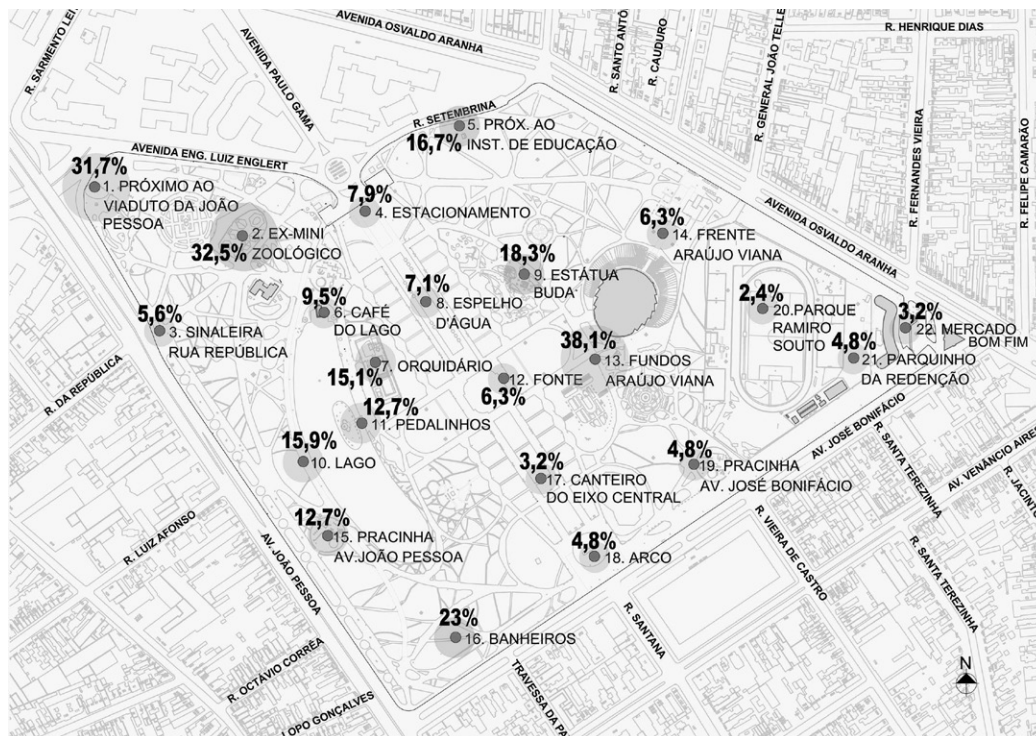


FIGURA 8 | Mapa com os locais considerados inseguros no interior do Parque Farroupilha. Nota: os pontos vermelhos, com numeração e nomes dos locais, foram utilizados como referência pelos respondentes para indicarem em uma tabela no questionário os números dos locais (e proximidades) percebidos como inseguros; os círculos com dimensões variadas indicam a intensidade com que o local foi indicado como inseguro. Fonte: Autores.

TABELA 10 | Locais considerados mais inseguros no interior do Parque Farroupilha.

Locais indicados pelos respondentes como inseguros no interior do Parque Farroupilha	Frequetadores	Moradores	Comerciantes	Total	Sig.	Phi
	54 (100%)	22 (100%)	50 (100%)	126 (100%)		
	n.a (%)	n.a (%)	n.a (%)	n.a (%)		
Fundos do Araújo Viana	23 (42,6%)	11 (50%)	14 (28%)	48 (38,1%)	0,139	0,177
Ex-Mini Zoológico	18 (33,3%)	12 (54,5%)	11 (22%)	41 (32,5%)	0,025	0,242
Próximo ao viaduto da Av. João Pessoa	24 (44,4%)	8 (36,4%)	8 (16%)	40 (31,7%)	0,007	0,281
Banheiros	18 (33,3%)	5 (22,7%)	6 (12%)	29 (23%)	0,036	0,230
Estátua de Buda	12 (22,2%)	6 (27,3%)	5 (10%)	23 (18,3%)	0,132	0,179
Próximo ao Instituto de Educação	16 (29,6%)	3 (13,6%)	2 (4%)	21 (16,7%)	0,002	0,314
Lago	9 (16,7%)	3 (13,6%)	8 (16%)	20 (15,9%)	0,947	0,029
Orquidário	13 (24,1%)	2 (9,1%)	4 (8%)	19 (15,1%)	0,050	0,218

Nota: n.a (%)= número absoluto de respondentes que mencionaram o local em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total de 126 respondentes; os respondentes podem ter mencionado mais de um local).

Independentemente do tipo de crime, as ocorrências criminais (previamente coletadas na SSP) tendem a concentrar-se no turno da noite (18h01 às 00h) e em ruas com menor movimento de pessoas e supervisão visual a partir de edificações (associados à inexistência ou ao pequeno número de edificações e atividades com permeabilidade visual e funcional para estas ruas), nomeadamente, nas Avenidas Paulo Gama, Eng. Luiz Englert, Setembrina, e José Bonifácio (Fig. 9 a 12), com

a concentração de roubos a pedestres sendo particularmente intensa nestas avenidas e não no interior do Parque. Logo, um cercamento do Parque não teria impacto positivo sobre este tipo de crime, mas, provavelmente, teria um impacto negativo, pois os pedestres que circulam por estas ruas tenderiam a ficar bloqueados pela grade do Parque ao tentarem escapar de uma possível tentativa de roubo.



FIGURA 9 | Espacialização dos furtos de veículo.

manhã tarde



FIGURA 10 | Espacialização dos furtos em veículo.

noite madrugada



FIGURA 11 | Espacialização dos roubos de veículo.

manhã tarde



FIGURA 12 | Espacialização dos roubos a pedestre.

noite madrugada

TABELA 11 | Crimes no interior do Parque e em segmentos de ruas adjacentes e ruas próximas

TURNO	Nº de crimes interior Parque	Segmentos das ruas adjacentes (comprimento total=2863,02m)			Segmentos de ruas próximas (comprimento total=11816,30m)		
		Nº de crimes nas ruas adj.	Taxa de crimes por metro linear	Nº de crimes a cada 100m	Nº de crimes total	Taxa de crimes por metro linear	Nº de crimes a cada 100m
Manhã	59	174	0,060	6,077	352	0,029	2,978
Tarde	122	211	0,073	7,369	411	0,034	3,478
Noite	130	507	0,177	17,70	816	0,069	6,905
Madrugada	29	206	0,072	7,195	404	0,034	3,419

Nota: crimes ocorridos no período de 2006 a 2010, conforme a SSP = furto de veículo, furto em veículo, roubo de veículo e roubo a pedestre.

Por outro lado, as Avenidas Osvaldo Aranha e João Pessoa caracterizam-se pela forte presença de atividades comerciais e de serviços, o que gera maior movimento de pessoas, supervisão do espaço público e possibilidade de refúgio para alguém que se sinta ameaçado e, conseqüentemente, um menor número de roubo a pedestres. Ainda, as ocorrências criminais nestas duas avenidas não são maiores do que as ocorrências em algumas vias nas proximidades (Fig. 9 a 12), indicando que a inexistência de cercamento no Parque não torna estas vias mais inseguras do que outras vias nas proximidades. Adicionalmente, a criação de uma barreira física ao redor do Parque Farroupilha, com a conseqüente redução de pontos de acesso, tenderia a reduzir o movimento de pessoas e, logo a ter um impacto negativo sobre a segurança no interior e nas ruas adjacentes ao Parque. Soma-se o fato que pessoas ameaçadas no interior do Parque teriam menos pontos de saída e, logo, menos rotas de escape.

Observa-se que as maiores quantidades de crimes no interior do Parque ocorrem durante a noite e a tarde, reduzindo-se sensivelmente durante a madrugada, justamente o turno no qual o Parque estaria fechado no caso de um cercamento (Tabela 11). Por outro lado, provavelmente, não estaria fechado durante todo o turno da noite (tal como no Ibirapuera, onde 70% dos portões não fecham antes das 22h), aquele com a maior quantidade de crimes no Parque, principalmente no verão, quando não escurece antes das 20h e muitas pessoas utilizam os parques e praças. Destaca-se que um percentual expressivo dos frequentadores (29,6% – 16 de 54) e um percentual que não pode ser desprezado

dos moradores (23,8% – 5 de 22) utiliza o Parque durante a noite. Logo, mesmo que um cercamento pudesse ter algum impacto na redução da quantidade de crimes no interior do Parque, tal impacto estaria restrito à parte do turno da noite e ao turno da madrugada, quando o Parque estaria fechado, considerando-se que tal fechamento não poderia ocorrer muito cedo de forma a impedir o seu uso.

A taxa de crimes continua a ser visivelmente maior no turno da noite tanto nos segmentos das ruas adjacentes ao Parque quanto nos segmentos das ruas próximas (Tabela 11). Entretanto, para os quatro turnos, as taxas são bem mais altas nos segmentos das ruas adjacentes do que nos segmentos das ruas próximas. Contudo, um exame mais detalhado das taxas de crimes nos segmentos das ruas adjacentes, durante o turno da noite, revela que, por exemplo, as taxas de roubos a pedestres (muito superiores às taxas dos outros três tipos de crimes) mais altas são aquelas nas Avenidas José Bonifácio (28,46 roubos a pedestres em cada 100 metros = 0,284/m), Setembrina (0,142/m), e Eng. Luiz Englert (0,116/m) e que as mais baixas são aquelas nas Avenidas Osvaldo Aranha (5,442 roubos a pedestres em cada 100 metros = 0,054/m) e João Pessoa (0,102/m). Embora a Av. Osvaldo Aranha apresente uma taxa de roubo a pedestres durante a noite superior à taxa de roubo a pedestres durante a noite nos segmentos de ruas próximas (3,689 roubos a pedestres em cada 100 metros = 0,036/m), a taxa de crimes durante a noite na Osvaldo Aranha (7,48 crimes em cada 100 metros = 0,074/m) é apenas um pouco superior à taxa de crimes nos segmentos de ruas próximas durante a noite

(6,905 crimes em cada 100 metros = 0,069/m). Portanto, nem todas as vias adjacentes ao Parque Farroupilha apresentam taxas de crimes claramente superiores às das ruas próximas, durante o turno da noite, o que indica que mesmo em uma rua adjacente a espaços abertos em um dos lados, sem edificações, pode apresentar taxas de crimes compatíveis às ruas com edificações em ambos os lados, quando as atividades nos térreos das edificações existentes em um dos lados gerarem uma quantidade expressiva de movimento de pessoas, como é o caso da Av. Osvaldo Aranha.

Ainda, além destes resultados corroborarem as análises anteriores sobre a ocorrência de crimes nas vias do entorno do Parque Farroupilha, evidencia-se que o maior problema de segurança não está no interior do Parque e nem em todas as suas ruas adjacentes, mas em três destas, nomeadamente, Avenidas José Bonifácio (onde estão as taxas mais altas dos quatro tipos de crimes em cada um dos quatro turnos), Setembrina, e Eng. Luiz Englert, além da Av. Paulo Gama mencionada anteriormente, devido às suas características explicitadas anteriormente, características estas que um cercamento do Parque, provavelmente, iria tornar mais negativas para o movimento de pessoas e, logo, para a segurança nestas vias.

CONCLUSÕES

A análise realizada sobre a relação entre os atuais usos e a ideia de cercar ou não o Parque Farroupilha, indica que uma quantidade significativa de atividades baseadas no movimento continuado e/ou intermitente seria impedida e/ou alterada pela existência de cerca nas bordas do Parque Farroupilha junto às calçadas, principalmente aquelas atividades realizadas em suas bordas. A atividade mais afetada negativamente pelo cercamento hipotético proposto seria o uso do Parque como passagem, seguida da realização de caminhadas/corridas. A utilização do Parque como passagem seria particularmente afetada para os frequentadores enquanto a atividade comercial seria negativamente afetada para parcela expressiva dos comerciantes. Para a maioria dos vendedores ambulantes entrevistados o cercamento proposto diminuiria o movimento de pedestres, com a consequente queda nas vendas dos produtos. Destaca-se que um cercamento reduziria em muito os pontos de acesso ao Parque (principalmente nas Avenidas José Bonifácio, Osvaldo Aranha e João Pessoa), alterando ou impedindo a realização de muitos percursos, com claro efeito negativo sobre o Brique da Redenção e a Feira Ecológica.

A análise realizada sobre a relação entre os níveis de segurança no interior, adjacências e proximidades do Parque Farroupilha e a ideia de cercá-lo ou não, revela que um percentual expressivo do total dos respondentes percebe o Parque Farroupilha como inseguro ou muito inseguro. Contudo, esta percepção de insegurança não se restringe e tampouco é necessariamente maior no Parque Farroupilha do que em outras áreas urbanas nas proximidades. As principais razões para a avaliação negativa da segurança (policimento insuficiente; pouca iluminação; presença de tráfego e usuários de drogas; número insuficiente de câmeras de segurança; e a existência de prostituição) revelam que, provavelmente, a melhoria em três destas (policimento, iluminação, câmeras de segurança) provocaria uma redução, pelo menos, na presença de tráfego e usuários de drogas. Estas melhorias coincidem com aquelas propostas por pessoas contrárias ao cercamento (Ely, 2015). Por outro lado, um cercamento do Parque, tenderia a aumentar a quantidade de locais propícios para tais presenças

devido à provável redução do movimento e supervisão visual por parte dos usuários do Parque. Adicionalmente, a hipótese de um Parque Farroupilha cercado não gerou maiores alterações nas percepções de insegurança no Parque por parte dos três grupos. Adicionalmente, verifica-se que dentre os locais percebidos como mais inseguros estão locais que apresentam características que não seriam melhoradas por um cercamento, tais como baixo movimento e baixa supervisão visual dos espaços abertos por parte de pessoas nos próprios espaços abertos e em edificações adjacentes.

Embora os problemas de segurança no Parque Farroupilha não possam ser desprezados, estes são inferiores aos problemas de segurança em outras áreas de Porto Alegre próximas ao Parque, tais como o centro e o Bairro Rio Branco. Contudo, independentemente do tipo de crime, as ocorrências criminais tendem a concentrar-se no turno da noite e em ruas com baixo movimento e baixa supervisão visual, nomeadamente, nas Avenidas Paulo Gama, Eng. Luiz Englert, Setembrina, e José Bonifácio, com a concentração de roubos a pedestres sendo particularmente intensa nestas avenidas e não no interior do Parque. Portanto, provavelmente, um cercamento do Parque iria facilitar este tipo de crime, pois os pedestres que circulam por estas ruas tenderiam a ficar bloqueados pela grade do Parque ao tentarem escapar de uma tentativa de roubo. A existência de grade também afetaria as pessoas ameaçadas no interior do Parque que teriam menos pontos de saída e, logo, menos rotas de escape. Por outro lado, a inexistência de cercamento no Parque não torna as Avenidas Osvaldo Aranha e João Pessoa mais inseguras do que algumas vias nas proximidades, estando estas duas avenidas caracterizadas pela forte presença de atividades comerciais e de serviços e conseqüente maior movimento de pessoas, supervisão do espaço público e possibilidade de refúgio para alguém que se sinta ameaçado.

Adicionalmente, as maiores quantidades de crimes no interior do Parque ocorrem durante a noite e a tarde, reduzindo-se sensivelmente durante a madrugada. Assim, mesmo que um cercamento pudesse ter algum impacto na redução da quantidade de crimes no interior do Parque, o seu fechamento estaria restrito apenas ao turno da madrugada (quando a quantidade de crimes é muito menor do que nos outros turnos), e à parte do turno da noite (turno com maior ocorrência de crimes), já que tal fechamento não poderia ocorrer muito cedo e impedir o seu uso, principalmente no verão, quando muitas pessoas utilizam os parques e praças no turno da noite. Contudo, o maior problema de segurança não está no interior do Parque do Parque e nem em todas as suas ruas adjacentes, mas em três destas, nomeadamente, Avenidas José Bonifácio (onde estão as taxas mais altas dos quatro tipos de crimes em cada um dos quatro turnos), Setembrina, e Eng. Luiz Englert, além da Av. Paulo Gama situada entre estas duas, devido às suas características.

Concluindo, a análise envolvendo uso e segurança indica o não cercamento do Parque Farroupilha, já que um cercamento tenderia a ter um impacto negativo sobre as diversas atividades realizadas no Parque assim como sobre a segurança em seu interior e em ruas adjacentes. Assim, estes resultados vão ao encontro de estudos que indicam que o sucesso de parques é dependente de fatores que facilitem sua acessibilidade e conseqüente uso, tais como ausência de barreiras físicas, e existência de espaços com visibilidade, diversidade de atividades disponíveis em turnos variados, e diferentes opções de rotas com múltiplas entradas e saídas (Voordt; Wegen, 1993; Marcus; Francis, 1998; Carmona *et al.*, 2003). ❁



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARAN, P.; SMITH, W.; MOORE, R.; FLOYD, M.; BOCARRO, J.; COSCO, N. & DANNINGER, T. (2014).** «Park use among youth and adults: examination of individual, social and urban form factors.» *Environment and Behavior*, 46(6), 768-800.
- BLÖBAUM, A. & HUNECKE, M. (2005).** «Perceived danger in urban public space.» *Environment and Behavior*, 37(4), 465-486.
- BOCHI, T., GREGOLETTO, D. & REIS, A. (2012).** «Cercamento de parques urbanos conforme a percepção de usuários comerciantes.» Anais do XVI CONGRESSO ARQUISUR – FADU. Buenos Aires.
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (2015).** Lei Municipal 11.845/15 de 28 de maio de 2015. Câmara Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, 28 mai. Disponível em: <http://www.camarapoa.rs.gov.br> (acesso em: 15 de abril de 2015).
- CARMONA, M.; HEATH, T.; OC, T. & TIESDELL, S. (2003).** *Public places, urban Spaces. The dimensions of urban design.* Oxford: Architectural press.
- ELY, D. (1 de Maio, 2015).** «Quatro razões para cercar o Parque da Redenção e quatro para não cercá-lo. Jornal Zero Hora.» Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2015/05/quatro-razoes-para-cercar-o-parque-da-redencao-e-quatro-para-nao-cerca-lo-4751623.html> (acesso em: 14 de fevereiro de 2016).
- GEHL, J. (2013).** *Cidade para pessoas.* São Paulo, F.D: Perspectiva.
- GREGOLETTO, D.; BOCHI, T.; SILVA, F. & REIS, A. (2013).** «Existência e inexistência de cercamento, segurança e acessibilidade de parques urbanos.» *Arquisur Revista*, (3), 124-137.
- JACOBS, J. (2000).** *Morte e vida de grandes cidades.* 3º ed. São Paulo, D.F: WMF Martins Fontes.
- JOHN, N.; LIMA, M. & REIS, A. (2010).** «Avaliação de um centro popular de compras abrigando antigos camelôs.» *Arquisur Revista*, (1), 64 -79.
- JORGENSEN, L.; ELLIS, G. & RUDELL, E. (2012).** «Fear perceptions in public parks: interactions of environmental concealment the presence of people recreating and gender.» *Environment and Behavior*, 45(7), 803-820.
- LING, A. (fevereiro 2016).** *Cercar espaços públicos é errado em todos os sentidos imagináveis.* Disponível em: <http://caosplanejado.com/cercar-espacos-publicos-e-errado-em-todos-os-sentidos-imaginaveis/> (acesso em: 14 de fevereiro de 2016).
- MANNING, R. (1999).** *Studies in outdoor recreation: search and research for satisfaction.* Oregon: University Press.
- MARCUS, C. & FRANCIS, C. (1998).** *People places: design guidelines for urban open space.* 2º ed. New York, D.F: John Wiley.
- REED, D. (November 8, 2012).** «Buenos Aires Residents on the Fence About New Park Enclosures.» In *This Big City.* Disponível em: <http://thisbigcity.net/buenos-aires-residents-on-the-fence-about-new-park-enclosures/> (acesso em: 14 de fevereiro de 2016).
- REIS, A.T.; ANDORFFY, T. & MARCON, L. (2015).** «Relationship between some physical spatial variables and four types of street crimes.» In *Proceedings of the 10th Space Syntax Symposium - SSS.* London.
- SMITH, N. (1996).** *The new urban frontier. Gentrification and the revanchist city.* London: Routledge.
- STIGGER, M.; MELATI, F. & MAZO, J. (2010).** «Parque Farroupilha: memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil.» *Revista da Educação Física/UEM*, 21(1), 127-138.
- SUGIYAMA, T.; THOMPSON, C. & ALVES, S. (2009).** «Associations between neighborhood open space attributes and quality of life for older people in Britain.» *Environment and Behavior*, 41(1), 3-21.
- VOORDT, D. & WEGEN, H. (1993).** The Delft Checklist on Safe Neighborhoods. *Journal of Architectural and Planning Research*, 10(4), 341-356.
- WHATELY, M.; SANTORO, P.; GONÇALVES, B. & GONZATTO, A (Orgs.) (2008).** *Parques urbanos municipais de São Paulo: subsídios para gestão.* São Paulo: Instituto Socioambiental.